

mente de Sevilha, Cabo Verde e Lisboa, em 1500, 1501 e 1502; de acôrdo com essas cartas, o Florentino realizou apenas duas viagens à America do Sul, sendo a primeira em 1499 em parte com Hojeda e, a segunda em 1501-1502 como astrônomo e cosmógrafo da expedição portuguesa enviada por D. Manuel para explorar o litoral brasileiro. Na primeira viagem descobriu o Amazonas penetrando 15 léguas rio a dentro e na segunda, não avistou o Rio da Prata, como pretende o professor Dr. Levillier.

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA.

ECHARRI (Emiliano Diez). — *Teorias Métricas del Siglo de Oro* (Apuntes para la historia del verso español). Prêmio "Menéndez y Pelayo" de 1948. Madri. 1949. 355 páginas. 4 apêndices.

Licenciado em 1944 em Filologia Clássica pela Faculdade de Filosofia e Letras de Madri, cêdo alcançou Echarrí o magistério superior como catedrático de Gramática Geral e Crítica Literária na Faculdade de Letras da Universidade de Oviedo. Foi sua tese de doutoramento, em 1946, a obra de que nos propomos dar uma noticia bibliográfica. Preenche um vazio que Menéndez y Pelayo sempre apontou na história da métrica espanhola, e com grandes méritos, não só no ponto de vista crítico, como também no método de exposição da matéria e atualidade bibliográfica. Echarrí desenterrou tôdas as teorias versificatórias que andavam esquecidas nos tratados métricos espanhóis da época clássica, desde a *Arte de Poesia Castelhana* (1496) de Juan del Encina até a *Rhythmica* (1665) de Caramuel, dividindo as poéticas cronologicamente: poéticas de "cancioneiros", poéticas de inspiração petrarquista, poéticas italianas de tendência espanhola, preceptivas aristotélico-horacianas e preceptivas gramáticas. Conquanto a tese obtivesse de egrégio Tribunal a máxima qualificação, e dois anos depois se lhe conferisse o prêmio de Letras "Menéndez y Pelayo", nada impede que os curiosos de cá do Atlântico discretem à vontade sobre a novidade da publicação e o conteúdo do trabalho. São de louvar investigações desta espécie, numa época em que a Métrica atravessa uma grande crise — determinada pelas últimas conseqüências da escola romântica. O versilibrismo desbragado, o surrealismo, o dadaísmo, o letrismo e outras secreções do Romantismo, se incumbiram de lavar o epitáfio da Métrica, depois de atirarem-na em meio a uma confusão tremenda. Hoje espíritos de renúncia voltam os olhos para uma sistematização histórico-crítica dos problemas versificatórios. Alguns até chegam a exorbitar as fronteiras de seu patrimônio literário, para penetrar no conhecimento da versificação estrangeira. Tal é, por exemplo, o caso de Pierre Le Gentil, continuador de Georges Le Gentil na direção dos estudos portugueses na Sorbonne, que em 1949 começou a publicação de sua tese de doutoramento sobre a poesia ibérica dos fins da Idade-Média: *La Poésie Lyrique Espagnole et Portugaise à la fin du Moyen-Age*, de que saiu a 1.^a Parte, relativa aos temas e aos gêneros. A 2.^a Parte, de maior interesse para nós — que carecemos de estudos sistemáticos sobre a estrutura da poesia tradicional dos séculos XV e XVI — vai versar sobre a forma dessa poesia que circula sobretudo no Cancioneiro de Baena e no Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende. A obsessão destes derradeiros anos do século é digna de nota: em França a obra de Georges LOTE (*Histoire du vers français*, 1.^a Parte: *Moyen-Age*, 3 vols.), obra monumental que vem suceder aos trabalhos clássicos de Paul Verrier, que em *Vers Français* (3 vols., 1931-1932) estuda a formação do poema, os metros e as adaptações germânicas. A obra de LOTE está ainda em fase de publicação. Quanto à tese de Echarrí: o ilustre metricista lastima que certos problemas relativos à história do verso castelhano não tenham sido tratados até hoje. Concordamos com que o autor

procure exumar beneditinamente dos arquivos os antigos tratados métricos e ver neles o que existe de permanente para a solução dos problemas da métrica românica; mas o trabalho devia transcender essa fase preliminar, que ainda não é a altura a que chegaram os trabalhos de LOTE, Verrier e Le Gentil. O autor precisa ainda — e o que é mais importante — estabelecer sistematicamente as normas do verso, delineando, à luz dessas teorias métricas, a história da versificação castelhana no período clássico. É disso que se ressentem a história da métrica espanhola, esparsa e sem método nas obras de Menéndez y Pelayo, de Pidal, nos ensaios de Ureña, de Lang, de Arnold, de Vossler, de Aurélio Espinosa, de Hanssen, de Milá y Fontanals, de Morley e tantos outros. Os valores positivos que se colhem da exposição dessas teorias versificatórias, podem ser divididos em dois tópicos: problemas que ainda palpitam na poética contemporânea; a atribuição de paternidade a certas idéias que se desenvolveram nos tratadistas modernos. Entre as questões que agitam ainda hoje o estudo da poesia, estão as páginas admiráveis daqueles teóricos do Século de Ouro sobre a essencialidade da rima à poesia, sobre o acento rítmico e o acento prosódico, e — o que é mais palpitante em nossos dias — as diferenças entre a Prosa e a Poesia, com o particular empenho sobre os valores elocutivos de uma e outra formas de expressão. O valor histórico dessas preceptivas poéticas é apreciável: quantas idéias modernas não são mais do que um alargamento ou visão nova de factos que já foram observados e tratados por êsses metricistas dos tempos clássicos. Nebrija havia já, no fim do séc. XV, previsto a compensação da quantidade silábica da poesia latina pela rima da poesia românica, além de que nesse mesmo gramático e na poética de Encina já encontramos afirmações categóricas de que a rima procede do hinário eclesiástico. Muitos destes tratadistas estão concordes em que a rima não era desconhecida dos poetas latinos, mas que a não praticavam por reconhecerem nela um recurso poético desprezível (naturalmente porque ela existia na poesia popular). A Nebrija também se deve a fórmula "chave de ouro" — tão comum nos nossos manuais de versificação — com que se deve atingir a unidade estética do soneto. O fenómeno da sinalefa entre verso e verso, muito antes de Mussafia, já García Rengifo (1592) havia assinalado (p. 129). A célebre questão do "verso em potência" e do "verso em ato", três séculos antes do abade Bremond, Juan de Villar (p. 139) expõe com admirável clarividência. São bem conhecidas as idéias do autor de *Poesia e Prece*, de *Poesia Pura*, para quem o mistério da realização expressiva do verso consiste numa espécie de "corrente elétrica" que só atravessa o verso quando este attingiu a sua forma verdadeira. Outro problema, que vem desde Aristóteles, é o que se refere aos valores expressivos, às virtudes dos fonemas, que tem páginas preciosas em Cascales — consumado latinista espanhol do século XVII, que leu as suas pesquisas aos tratadistas do Simbolismo (na intuição poética de Rimbaud e na teorização da escola em René Ghil), e sobretudo ao foneticista Maurice Grammont, que tantas conquistas realizou nesse campo da linguagem poética. Por fim, entre tantas outras informações históricas apreciáveis, as páginas candentes de erudição do Padre Carvallo, metricista asturiano do século XVII. Em seu *Cisne de Apolo* (1602), Carvallo define a quadra como correspondente à estrofação espontânea da poesia popular. O grande metricista românico G. Meyer afirmava que a "estrofe de quatro versos é uma forma preferida em todos os casos de poesia popular". E Hermann Gumbel ajunta: "Para isto não há outra explicação que não seja a geral disposição do espirito humano" (*Poesia e Povo*, in *Filosofia de la Ciencia Literaria*, Ermatinger e outros, México, 1946, pág. 86). Afora estas informações — que ajudam a estabelecer a paternidade de tantas idéias e teorias contemporâneas sobre os problemas da poesia, o trabalho de Echarri apresenta um interesse estritamente nacional. Dotado de admirável erudição, que tão cedo se pôs a trabalhar, promete o autor trabalhos que vamos esperar com ansiedade muito maior. Na sua *Introdução* (pág. 39) Echarri não nos parece ter sido muito feliz em duas passagens sobre fenómenos poéticos que ainda não foram tra-

tados na poesia castelhana: "Questiones como las que se refieren a la relación de metro y asunto"; e a relação que existe entre a estrutura na poesia lírica e a estrutura na poesia épica. O autor, que dispõe de uma bibliografia exaustiva, não menciona uma obra e um ensaio de Menéndez Pidal, capitais para o caso: *Flor Nueva de Romances Viejos* e *Historia Troyana Polimétrica*. Ora, sobre os ritmos próprios da poesia lírica e da poesia épica, Pidal já havia se pronunciado nestes dois trabalhos e com largas considerações. Basta ler as páginas introdutórias do primeiro; e, no ensaio sobre o poema dos fins do século XIII, *Historia Troyana Polimétrica*, Pidal exalta o autor anônimo do poema e lhe confere uma posição de alto relêvo na história da poesia espanhola, justamente pelos méritos que tem o poeta no afã de conseguir sempre uma adequação entre a forma e o fundo que se observa em certos fragmentos da *Troyana*. É essa busca da conciliação entre o metro e o conteúdo que não vemos no repertório estrófico tão rico das poesias de Afonso X, seu contemporâneo. Pois bem: Pidal se detem a examinar sob esse ponto de vista, e com uma intuição rara, as passagens do poema anônimo.

S. SPINA

SCHMID (Albert). — *Os Rezingões*. Uma Legião Estrangeira, de Alemães, a serviço do Brasil, na guerra contra Rosas. Tradução Ortografada e anotação do Jeneral Klínger. Separata de "A Defesa Nacional", n.º 438 a 441, de janeiro a abril de 1951, dedicada ao Instituto Hans Staden. Imprensa Militar. Rio de Janeiro, 1951, 64 pp.

O estudo de A. Schmid, cujo original escrito em língua alemã tem o título "Die Brummer", tornou-se acessível ao público interessado com essa tradução. O A. procura reconstruir não só a vida militar, mas também a influência cultural dos legionários alemães, recrutados em 1850-51 para servirem na guerra contra Rosas.

Esses legionários são conhecidos pelo nome "die Brummer", que o gal. Klínger traduz por "os Rezingões". "Brummer" era o nome dado pelos legionários às grandes moedas de cobre de dois vintens, que se assemelhavam a certa moeda de sua pátria, assim denominada. O termo, passando para a linguagem do povo, logo foi empregado para designar os próprios legionários. Talvez com esse nome também se pretendesse designar a propensão dos legionários para a rezingação. Pelo menos é esta a explicação que o A. dá sobre a origem do apelido dos mercenários.

Não foi essa a primeira vez que o Império recorreu a mercenários europeus para fortalecer o seu poder militar. Apesar do fracasso da tentativa de 1824, em que D. Pedro I quis substituir as tropas portuguesas repatriadas por estrangeiras (em suas notas, o tradutor refere-se ainda a uma segunda tentativa, por ocasião da revolta dos cabanos no Pará), D. Pedro II resolveu mandar para Hamburgo Rego Morais, com a missão de recrutar aí uma legião. As condições sob as quais os mercenários iam servir no Brasil não eram, de modo geral, desvantajosas. Organizou-se uma legião com cerca de 1.800 homens. Tratava-se geralmente de oficiais e soldados veteranos. A legião compunha-se de um batalhão de infantaria, um grupo de artilharia e duas companhias de sapadores.

Mal tinham desembarcado no Brasil, começaram as dissensões e desordens entre os mercenários e especialmente entre os oficiais. Doenças, suicídios e deserções por descontentamento diminuíram-lhes o número. Tais acontecimentos fizeram com que Caxias se negasse a empregar o batalhão de infantaria como unidade constituída. Ao passo que a maioria dos legionários ficou no acampamento, uma pequena parte, incorporada à divisão de Marques de Sou-